



SEÇÃO: METAFÍSICA E EPISTEMOLOGIA

A concepção onírica em Schopenhauer: estariam os sonhos submetidos ao princípio de razão suficiente?

The oniric conception in Schopenhauer: were dreams submitted under the principle of sufficient reason?

Antonio Alves Pereira Junior¹

orcid.org/0000-0001-9284-0864
antonioalvespereirajr1@gmail.com

Recebido em: 12 abr. 2022.

Aprovado em: 27 maio. 2022.

Publicado em: 31 ago. 2022.

Resumo: No início do século XX Sigmund Freud revolucionou a história do conhecimento humano ao conceber e caracterizar o inconsciente e sistematizar engenhosamente a psique humana. Para tal empreendimento, um dos principais instrumentos utilizado por este médico-pesquisador e fundador da psicanálise foram as análises dos sonhos, sendo essa uma das vias para compreensão e acesso do inconsciente para fins de encontrar causas patológicas e distúrbios em geral. A lista de convergências entre os pensamentos de Freud e Schopenhauer já é conhecida principalmente pelos conceitos de pulsão, vontade, sexualidade e loucura, no entanto, neste texto, tive por intenção investigar exclusivamente a concepção onírica de Schopenhauer com o objetivo de responder em até que ponto os sonhos podem estar ou não submetidos ao princípio de razão suficiente – que rege o mundo como representação no tempo, espaço e causalidade.

Palavras-chave: Sonhos. Razão. Poesia.

Abstract: At the beginning of the 20th century Sigmund Freud revolutionized the history of human knowledge by conceiving and characterizing the unconscious and ingeniously systematizing the human psyche, for such an undertaking, one of the main instruments used by this physician-researcher and founder of psychoanalysis was the analysis of dreams, this being one of the ways to understand and access the unconscious for the purpose of finding pathological causes and disorders in general. The list of convergences between the thoughts of Freud and Schopenhauer is already known mainly for the concepts of drive, will, sexuality and madness, however, in this text I intended to exclusively investigate Schopenhauer's dream conception in order to answer to what extent dreams may or may not be subject to the principle of sufficient reason – which governs the world as a representation in time, space and causality.

Keywords: Dreams. Reason. Poetry.

Introdução

No primeiro capítulo da obra *A interpretação dos sonhos* de Sigmund Freud, denominado "A literatura científica na interpretação dos sonhos", na sessão que diz respeito aos sentimentos éticos no sonho, é tratada a questão das disposições dos sentimentos morais, onde Freud buscou investigar a compreensão em autores precedentes a ele se a moralidade da vigília se estenderia à vida onírica: "Com a mesma determinação com que uns asseguram que o sonho nada sabe das exigências morais, outros garantem que a natureza moral do homem também se conserva



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

¹ Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, PR, Brasil.

na vida onírica" (FREUD, 2012, p. 84). Após Freud apresentar brevemente a concepção onírica de três autores, a saber, Jessen, Radestock e Volkelt que são partidários da ideia de que a consciência moral se cala nos sonhos e que a eles é prevalente a indiferença ética, Freud cita Schopenhauer como o expoente principal de oposição a essa ideia: "A oposição mais radical a esses juízos é formada por declarações como a de Schopenhauer, para quem todos agem e falam no sonho em perfeita correspondência com seu caráter" (FREUD, 2012, p. 85). Freud não cita nenhuma passagem de Schopenhauer que evidencie tal aceção, no entanto cita trechos de outros autores que teriam a mesma opinião que Schopenhauer, como é o caso de Scholz, Haffner e Hildebrandt.

De Scholz Freud cita o seguinte: "o homem virtuoso também será virtuoso no sonho" (apud FREUD, 2012, p. 85), de Haffner que: "o imperador romano ao mandar executar seu súdito que teria sonhado com sua decapitação, justificou tal decisão dizendo que quem tem sonhos desse tipo também deveria ter pensamentos semelhantes quando acordado" (apud FREUD, 2012, p. 85), e de Hildebrandt, cita Freud o seguinte: "Quando queremos repudiar com devida firmeza alguma acusação injusta, especialmente se ela se referir a nossas intenções e inclinações dizemos que isso não nos ocorreria nem em sonhos" (apud FREUD, 2012, p. 87). No entanto, reiteramos mais uma vez que de Schopenhauer não há nenhuma citação freudiana que manifeste a opinião de que a moralidade da sentinela permaneça nos sonhos.

É sabido que Schopenhauer defende a ideia de caráter inteligível (imutável), como bem expresso principalmente em *O mundo como vontade e representação* (§ 26 e § 55) e em *Os dois problemas fundamentais da ética* – que aqui não tenho por intenção detalhar – porém, cabe perguntar se estaria mesmo a imutabilidade

do caráter também atribuída aos sonhos e aos acontecimentos oníricos como colocou Freud sobre Schopenhauer? Em vista de trabalhar essa questão pretendo examinar algumas concepções oníricas de Schopenhauer e, com isso, ampliar o assunto e demonstrar sua relevância. Para tal empreendimento veremos a seguir a questão do asseguramento do princípio de razão em relação aos sonhos, o caso dos sonhos dos animais, as poesias comparadas ao ato de sonhar e o curioso caso dos sonhos premonitórios.

Os sonhos oníricos estão submetidos ao princípio de razão suficiente?

Na obra *Metafísica do belo*,² dois trechos que dizem respeito aos sonhos chamam atenção, especificamente o capítulo oito intitulado "Da parte subjetiva da satisfação estética" e o capítulo 16 denominado "Sobre a arte poética". Iniciarei explicitando o primeiro deles: trata-se de uma brevíssima frase onde Schopenhauer concebe uma analogia utilizando os sonhos. Destaco especificamente o trecho em itálico ao final da citação, no entanto, forneço brevemente o imediato excerto anterior, pois depois ele nos servirá de base para melhor explicar sua totalidade na continuação do texto. O filósofo escreve assim:

No instante do *abandono ao intuir puramente objetivo*, libertamo-nos de todo querer e, com isso, como que entramos num outro mundo, onde tudo o que antes excitava a Vontade e nos abalava tão veementemente desaparece. Tal libertação do conhecimento sobreleva-nos de forma tão completa quanto o sono e o sonho: felicidade e infelicidade desaparecem³ (HN III, 2003, p. 94, grifo meu).⁴

Deve-se notar que, ao dizer "*abandono*", isto se refere especificamente ao desvinculo da vontade, pois seria essa a principal responsável por impedir a contemplação estética: "enquanto estamos ocupados com nossa vontade e o querer preenche nossa consciência, [...], logo, enquanto

² A obra *Metafísica do belo* se trata de escritos resultantes das preleções dadas por Schopenhauer na universidade de Berlim (*Manuscritos berlinenses*) e é correspondente com o terceiro livro do primeiro tomo d'*O mundo como vontade e como representação*.

³ Conferir também trecho correspondente em W I, § 38, p. 228.

⁴ As abreviações das obras de Schopenhauer utilizadas seguem o periódico *Schopenhauer-Jahrbuch*, seguem-se aqui listadas: "E II" – *Sobre o fundamento da moral*; "HN III" – Preleções berlinenses, ou seja, a *Metafísica do belo*; "P I" ou "P II" – *Parerga e Paralipomena* tomo I ou II; "Q" – *Sobre a quadríplice raiz do princípio de razão suficiente*; "W I" ou "W II" – *O mundo como vontade e representação* tomo I ou II;

somos o sujeito do querer nenhuma felicidade ou calma verdadeiras podem nos sobrevir" (HN III, 2003, p. 90-91). Por outro lado, cada forma de contemplação artística, a saber, a música, a pintura, a escultura, etc. são formas que permitem o desprendimento do constante desejo, sendo este sempre aquele que retorna rapidamente logo após sua realização. Considere o seguinte: "todo querer tem de nascer de uma necessidade; toda necessidade, entretanto é uma carência sentida, a qual é forçosamente um sofrimento" (HN III, 2003, p. 90). Assim, podemos inferir com segurança que a contemplação artística concebida como forma de abandono e desvinculo da vontade surge como uma forma de escapar momentaneamente ao sofrimento, pois na contemplação não há ânsia por realização de desejos.⁵

Note-se também que na sequência da palavra "abandono", se lê sobre o "intuir puramente objetivo". Isso traz uma carga significativa muito particular da doutrina schopenhaueriana, remetendo-nos diretamente até suas fundamentações epistemológicas iniciais, compreendidas e expressas na sua tese doutoral de 1813, ou seja, a *Quadrúplice raiz do princípio de razão suficiente*. A saber, o conhecimento intuitivo compõe a primeira raiz e tem como seu correlato subjetivo o entendimento. De forma sintetizada, essa raiz tem como objetivo demonstrar a *causalidade* e conceituá-la como possuidora de uma justificação fundamental para o conhecimento humano, porque a partir dela e de sua característica subjetiva, ou seja, de estar inerente no sujeito que conhece, é que se tornam possíveis as *intuições* no mundo empírico, sobre isso diz Schopenhauer: "a lei da causalidade não é algo empiricamente conhecida, mas nos é dado a priori" (Q, § 23, p. 209).

Gostaria de frisar que não tenho aqui por intenção a descrição completa da *raiz do devir*, ou seja,

a primeira raiz exposta no referido ensaio sobre o princípio de razão, mas apenas colocá-la de modo expositivo para continuarmos a explanação sobre a compreensão onírica schopenhaueriana. Diante disso, a sucinta explicação acima já se faz satisfatória, pois nesse empreendimento ficaram demonstradas duas noções e que aqui aparecem como conclusões de compêndio: a) que quando a palavra *intuição* surge na obra de Schopenhauer, sempre de alguma forma isso nos remete a sua tese doutoral, e se quisermos conceituar tal palavra de maneira bem sintética e clara, devemos entendê-la como *uma função do entendimento; um modo de ter impressões dos objetos empíricos e estéticos*; e b) que ela toma como principal ponto de partida a *causalidade* que pressupõe por toda parte modificações e devires, portanto, tudo aquilo que é representado ou intuído é intuído e representado na realidade empírica da experiência possível ou nas apreensões estéticas. Daí nos faz agora sentido a compreensão da comparação entre os sonhos e a felicidade exposta acima, a relembrar o leitor: "Tal libertação do conhecimento sobreleva-nos de forma tão completa quanto o sono e o sonho: felicidade e infelicidade desaparecem".

Um estudante ávido da filosofia schopenhaueriana certamente não teria dificuldade alguma em compreender a amplitude do trecho, que na verdade é meramente comparativo para expressar a desvinculação da Vontade como uma das realizações da contemplação artística. Aqui, porém, quis explicá-lo minuciosamente, visando um público que possivelmente não possua total intimidade com a obra de Schopenhauer. Mostrei assim que a *libertação do conhecimento* significa justamente o seu desatamento da Vontade, tornando o indivíduo apto a cessar a roda de Íxion;⁶ fazendo com que o sujeito do querer seja suprimido pelo sujeito do conhecer; compreen-

⁵ De acordo com Schopenhauer: "O conhecimento liberta-se da escravidão da vontade e existe para si de maneira livre, não mais apreendendo as coisas conforme elas digam respeito à vontade, conforme sejam seus motivos, mas o conhecer é agora livre de toda relação com o querer. Dessa forma, ele é sem interesse, sem subjetividade, considera as coisas de modo puramente objetivo, por inteiro entregue a elas, as quais estão na consciência só à medida que são meras representações, não motivos" (HN III, 2003, p. 91-92). Isso quer dizer que o caminho para a genuína contemplação artística deve ser considerado exclusivamente a partir da supressão do sujeito do querer, o que, aliás, está na base da doutrina estética schopenhaueriana.

⁶ De acordo com Schopenhauer "Íxion é atado a uma roda que não cessa de girar e é eternamente sedento" (HN III, 2003, p. 91). Já segundo Franchini e Segnfredo, na obra *As 100 melhores histórias da mitologia*, Íxion é descrito na história intitulada Íxion, *pai dos centauros*. Nela consta-se o seguinte: Íxion é um assassino que vai se redimir perante Júpiter, e este o faz imortal. No entanto, Íxion se apaixona por

dendo enfim que conhecer as Ideias⁷ expressas nas belas artes em geral é comparável ao ato de dormir e sonhar porque assim como na contemplação do belo o homem esquece seu querer, no sono esquece sua *felicidade e infelicidade* que tanto lhe são vividas ao estar em sentinela, desse modo, o sonho poderia ser conceituado em um primeiro momento como não vinculado ao princípio de razão.

Logo no início do referido capítulo oito da *Metafísica do belo*, Schopenhauer esclarece a noção de dois componentes inseparáveis para o conhecimento estético, sendo eles "o conhecimento do objeto não como coisa isolada, mas como Ideia; depois a *consciência de si* daquele que conhece, não como indivíduo, mas como puro sujeito do conhecimento destituído de vontade" (HN III, 2003, p. 89), assim, esses componentes seriam condições para que "se abandone por completo o modo de conhecimento que segue o princípio de razão, o qual, é o único útil tanto para a vontade quanto para a ciência" (HN III, 2003, p. 89).⁸

Em momento algum Schopenhauer escreve precisamente que os sonhos não estejam vinculados ao princípio de razão, porém utilizo aqui sua comparação de que felicidade e infelicidade desapareceriam nos sonhos para poder — por equiparação — ampliar que de fato seria parcialmente correto conferir tal proposição, a saber, a de que o *conteúdo* dos sonhos não esteja submetido ao princípio de razão.

No entanto, poder-se-ia simplesmente negar esta proposição a partir da interpretação de que sonhos, por acontecerem a partir de uma função

cerebral, seriam fenômenos decorrentes do intelecto, portanto, não haveria porque não concebê-los estando como não estando submetidos ao tempo, ao espaço e à causalidade: mas essa asserção não estaria tratando especificamente do *conteúdo* dos sonhos, mas sim dos *sonhos em si*, como um fenômeno decorrente de fatores físicos. Para ratificar essa curiosa questão gostaria de propor uma resolução que se divide em duas respostas: uma delas mostra o conteúdo onírico localizado fora do princípio de razão e a outra mostra os sonhos em si como estando totalmente submetidos a ele. Essa divisão tem de ser entendida como objetos oníricos particulares e imagéticos, portanto, a parte que não está submetida ao princípio de razão e que chamei de *conteúdo dos sonhos*; a outra, que chamei de *sonhos em si*, são os sonhos entendidos como meros efeitos da funcionalidade intelectual, decorrente do cérebro.

Primeira resposta, sobre o conteúdo dos sonhos: em nossos sonhos não há nenhuma necessidade suficiente que dite regras sobre como cada acontecimento deve seguir de acordo com leis determinadas como no mundo da sentinela em que a água deve necessariamente evaporar quando colocada em alta temperatura de calor, ao passo que, no conteúdo onírico, um indivíduo poderia sonhar que aqueceu a água, mas ela tornou-se gelo. Ao inferirmos sobre isso estamos interessados unicamente no *conteúdo* de um sonho, portanto, não tendo nenhuma credencial dada ao princípio de razão e, por isso, podendo ser comparado à mera imaginação ou fantasia.

Juno, esposa de Júpiter. Tentando castigar Íxion Júpiter faz uma nuvem se transformar num espectro idêntico a sua esposa que seduz Íxion diariamente: "Júpiter, sabedor de tudo, deixou que aquele simulacro de traição prosseguisse ainda por diversas vezes, dando sempre uma nova chance ao ingrato para que se arrependesse, uma vez extinta a chama ardente do primeiro desejo". Não havendo nenhum arrependimento por parte de Íxion, Júpiter o condena ao Tártaro: "Íxion) atado de pés e de mãos, gira sem nunca cessar naquela girândola infernal" (FRANCHINI; SAGANFREDO, 2003, p. 270-271). Destaco também que o título da história ser "Íxion, pai dos centauros" se dá pelo fato de que a união entre Íxion e a falsa Juno resulta no nascimento de monstros horrendos e brutais.

⁷ Importante notar que tanto na *Metafísica do belo* quanto no Livro 3 d'O mundo Schopenhauer retoma a noção de Ideia no sentido estritamente relacionado a Platão. Aqui seguimos a utilização da palavra em letra maiúscula exatamente como feito por Jair Barboza nas traduções consultadas. Numa frase, devemos entender que às Ideias "são nossos graus de objetivação da Vontade" e que, "o princípio de razão não tem sentido para ela", porque residem "completamente fora da esfera de conhecimento do indivíduo, e não é objeto da experiência (HN III, 2003, p. 30). De acordo com o comentador Atwell (1995, p.138): "When viewed 'purely' (by the pure subject of knowledge), Ideas are known: but when viewed 'purely' (by the individual, will-governed subject of knowledge) intuitive particulars are known. Or, to put a bit differently, intuitive particulars are Ideas broken up in accordance with three subordinate forms of the principle of sufficient reason, that is, time, space and causality" [Quando vistas "puramente" (por puro sujeito do conhecer), as Ideias são conhecidas, mas quando vistas "impuramente" (pelo indivíduo, sujeito do conhecimento, governado pela vontade), intuições particulares são conhecidas. Em outras palavras, intuições parituclares são Ideias fragmentadas de acordo com três formas subordinadas do princípio de razão, isto é, o tempo, o espaço e a causalidade] (tradução minha).

⁸ Trecho também pode ser lido em W I, § 38, p. 225.

Em *A interpretação dos sonhos* Freud diz que há pessoas “para as quais se torna bem evidente a constatação noturna do conhecimento de que dormem e sonham, parecendo ter uma capacidade consciente de dirigir a vida onírica [...] O marquês d' Hervey afirmava ter obtido o poder de acelerar seus sonhos e dar a eles a direção que quisesse” (FREUD, 2012, p. 600). Casos tão particulares como esse poderiam abrir brechas para falsear esta minha asserção de primeira resposta – a saber, a de que o *conteúdo dos sonhos* não estaria submetido ao princípio de razão. Destaquei esta passagem freudiana apenas como forma elucidativa em relação à temática com fins de ampliar a discussão, pois a partir dela este tema pode ser levado até aquilo que é popularmente conhecido como *sonhos lúcidos* e que, de certo modo, poderiam ser conceituados como sendo os únicos onde o princípio de razão seria ainda respeitado mesmo no conteúdo dos sonhos (a não ser que o a pessoa onírica, mesmo em sonho, pudesse escolher fazer coisas que acordado jamais poderia, como por exemplo, voar ou andar sobre a água).

Segunda resposta, sobre os sonhos em si: se os sonhos estão para o intelecto/cérebro⁹ (que são fenômenos no mundo), e a partir disso tomarmos a famosa proposição de Schopenhauer de que “o mundo é minha representação” – tendo em mente que o princípio de razão é o que rege o mundo como representação – estaria correto dizer que também os sonhos são minha representação porque são decorrentes de órgãos corpóreos materiais.¹⁰ Ao pensarmos nisso estamos interessados no próprio fenômeno dos sonhos, nisso que nomeio de *sonhos em si*, e que está estritamente ligado ao nosso sistema biológico natural e independente do conteúdo onírico.

Em sonhos, somos poetas perfeitos

Se anteriormente destaquei a importância da aparição da palavra *intuição* por toda obra de Schopenhauer, também quero frisar o mesmo sobre a palavra *abstração*, já que esta remete diretamente à segunda raiz do princípio de razão (da *razão de conhecer*). Novamente realço que não tenho por intenção a descrição ou compreensão da totalidade da *Quadrúplice raiz*, mas apenas evidenciá-la de modo satisfatório para alcançar nosso objetivo – ou seja, a elucidação da concepção onírica de Schopenhauer –, dessa forma deve-se entender que as abstrações são conceitos daquilo que foi anteriormente intuído e conhecido pelo entendimento, o que, aliás, é também uma característica essencial que separa a compreensão dos homens e dos animais, sendo estes últimos limitados às representações intuitivas, já “o homem tem uma classe de representações da qual nenhum outro animal compartilha: são os *conceitos*, isto é, as representações *abstratas*” (Q, § 26, p. 223). Assim, para Schopenhauer podemos conceber que a ação poética é relacionada à formação e à organização de conceitos abstratos, e estes são resultados daquilo que foi anteriormente representado e intuído no mundo empírico.

Como dito no início, passemos agora a tratar da concepção onírica contida no capítulo 16 da *Metafísica do belo*. O trecho que nos serve novamente trata-se de uma passagem comparativa em relação ao tema central do capítulo, a saber, o discurso poético. Schopenhauer diz assim: “é bastante notável como *em sonhos somos poetas perfeitos*” (HN III, 2003, p. 220). Para que possamos compreender devidamente a totalidade da exposição contida nesta pequena comparação entre sonhos e poetas devemos entender a finalidade poética designada pelo filósofo.

Segue-se então que a arte poética na con-

⁹ Para Schopenhauer, o cérebro é entendido da seguinte forma: “É uma massa pastosa, como qualquer parte vegetal ou animal, é uma formação orgânica semelhante a todas as outras massas pastosas que lhe são aparentadas e de natureza mais baixa que habitam na mais modesta morada das cabeças dos nossos irmãos irracionais, até o mais baixo de todos, que mal consegue apreender alguma coisa; todavia, aquela orgânica massa pastosa é o último produto da natureza, que já pressupõe todos os demais. Porém, em si mesmo, e exteriormente à representação, o cérebro também é como tudo o mais, vontade” (W II, 22, p. 331).

¹⁰ Sobre isso, pode-se lembrar o que diz Schopenhauer sobre a essência da matéria: “Toda essência da matéria consiste, [...] em seu fazer-efeito. Causa e efeito, entretanto, existem apenas para o entendimento, que nada é senão o seu correlato subjetivo. Mas o entendimento nunca seria usado, caso não houvesse algo mais, de onde partisse” (W I, § 6, p. 22). Sobre isso, confira também: W II, 25, p. 367.

cepção schopenhaueriana tem por intento a apreensão da manifestação das Ideias captando os "graus de objetivação da Vontade, comunicando-as ao ouvinte com a distinção e a vivacidade mediante as quais a mente poética as apreende" (HN III, 2003, p. 193). Vale também identificarmos a compreensão poética como conceito abstrato, portanto, diretamente ligado à segunda raiz do princípio de razão suficiente: "na poesia, o comunicado imediatamente por palavras é apenas o conceito abstrato" (2003, p. 193). Desse modo, fica claro que a intenção da poesia é captar apreensões intuitivas das Ideias e comunicá-las através da linguagem. Ao poeta compreende-se então a "exigência do idealístico na exposição do [próprio] caráter" (HN III, 2003, p. 217), além disso, o papel de criar abstrações nas quais ele conhece as Ideias que seu ouvinte ou leitor ainda não conhece, por isso "o poeta verdadeiro expressa com uma única palavra toda a coisa, e sua imagem se coloca claramente diante de nós" (HN III, 2003, p. 200). Em síntese podemos dizer que ao poeta caberia a função de comunicar muito e de maneira belíssima, porém utilizando-se de poucas palavras. Tendo por cumprida nossa intenção em relação à breve explicitação da arte poética na obra de Schopenhauer, encontramos retificados para explicar a comparação feita pelo filósofo de que "em *sonhos* somos poetas perfeitos".

Devemos entender que a relação entre os sonhos e a poesia se dá estritamente pelo seu caráter individual e intimista, pois assim como a poesia é singular na experiência de vida do poeta – sendo que dificilmente se escreve poesia com

dois ou mais autores¹¹ – também os sonhos são assim, pois cada sonho pertence a uma única pessoa, e ainda que possivelmente em geral possamos ter sonhos muito semelhantes, o conteúdo onírico de cada indivíduo continua sendo pessoalmente original e singular. Schopenhauer conclui o trecho da referida comparação dirigindo-se ao leitor e também fazendo uma nova comparação para complementar sua argumentação:

Caso o leitor acabe de acordar de um sonho dramático deveras vivaz e bem desenvolvido, então passe-o em revista e admire-se com o próprio gênio poético. Por conseguinte, pode-se dizer: um grande poeta – por exemplo Shakespeare – é um homem que, acordado, pode realizar o que nós realizamos em sonho. Assim pôde Fídias¹² criar com pensamento e consciência o que só o conseguiríamos sonhando: a forma humana (HN III, 2003, p. 220).

Em vista disso, temos que a concepção artística em geral, e especificamente no caso da concepção poética aqui trabalhada tem sua fundamentação nas *intuições estéticas*,¹³ sendo estas independentes do princípio de razão e desvinculadas da Vontade. Assim, compreende-se que após essas intuições adentrarem o entendimento, estariam aptas para a criação de abstrações, a saber, prontas para a formulação de versos poéticos. No caso dos sonhos, ao serem comparados com a ação da produção poética, também seriam de tal forma, ou seja, relacionados a formas abstratas e conceituais, precisamente ligados à segunda raiz, mas que anteriormente foram intuitidos enquanto em sentinela, seja por intuições estéticas ou empíricas de modo geral.

Assim, se no modo de conhecimento estético de Schopenhauer há dois componentes inse-

¹¹ Intensamente tentei por cerca de um ano encontrar na internet e em bibliotecas sobre a existência de poemas e livros de poesia que fossem de autoria conjunta, no entanto, sem sucesso. O máximo que pude encontrar foram livros organizados contendo poemas de dois ou mais autores, sendo cada poema contido nas obras, de autor único. No entanto, gostaria de ressaltar que não acredito em definitivo que na história da literatura mundial não haja obras com este cunho de produção poética em conjunto, ou seja, uma mesma poesia com mais de um autor. Estou mais apto a crer que minha ignorância quanto ao assunto tenha vencido sob minha limitação de pesquisa, mas creio que ainda assim há abonos suficientes para se crer que embora poesias compostas em dupla autoria (ou em mais pessoas) de fato existam, porém, devem de ser de fato muito raras. Aparentemente o gênero poético possui mais frequência com a intimidade egóica e a personalidade assim como toda arte em geral: julgo que isso seja significativo de se ter em mente ao comparar a função artística com os sonhos já que ninguém pode dormir e sonhar utilizando-se as funções cerebrais de outra pessoa.

¹² Fídias foi um dos mais célebres escultores da Grécia Antiga.

¹³ No § 45 do livro 3 d'*O mundo*, lê-se o seguinte: "Nenhum objeto atrai tão rapidamente para a *intuição estética* quanto o belo rosto e figura humanos, cuja visão nos arrebatava instantaneamente com uma satisfação inexprimível e nos eleva por sobre nós mesmos e sobre tudo o que nos atormenta; o que só é possível exatamente porque essa cognoscibilidade mais clara e pura da vontade também nos coloca de maneira mais fácil e rápida no estado do puro conhecer, no qual nossa personalidade e querer, com seu continuado tormento, desaparecem [...] por isso Goethe diz: 'quem contempla a beleza humana não pode padecer de mal algum: sente-se em harmonia consigo mesmo e com o mundo'" (W I, § 45, p. 255).

paráveis, a saber, o conhecimento das Ideias arquetípicas e a consciência de si destituída de vontade entrando ambos em cena sempre abandonando o princípio de razão¹⁴ (único útil para a vontade e para as ciências em geral, a saber, a lógica, a etiologia e a morfologia), temos por aproximação, que o próprio *conteúdo* onírico possui características estéticas como os extremos da fantasia, ou seja, assim como o objeto e o sujeito se confundem na genuína contemplação artística (destituída de todo querer) que chega até a intuição das Ideias em si mesmas, os objetos (conteúdos) dos sonhos também se confundem com o próprio sujeito (o sonhador), havendo assim nos sonhos o esquecimento da própria pessoa e a inerente tendência à confusões de temporalidade (que faz com que inclusive na maioria das vezes nem nos lembremos dos nossos sonhos), fatos esses que são os mesmos que acontecem ao gênio enquanto executa sua obra de arte ou quando contempla outras obras,¹⁵ sendo possível apenas porque aniquilou suas volições e tem sua consciência de si assentada ao puro conhecimento intuitivo suprimindo as regras do princípio de razão, assim como acontece no *conteúdo* onírico (exposto detalhadamente na seção anterior).

Também gostaria de frisar que é conhecido o fato de que os animais sonham,¹⁶ o que aproxima de certa forma a impressão de que eles também possuem capacidades abstratas, coisa que, aliás, vale ressaltar, é inconcebível para Schopenhauer.¹⁷ Também vale nos atentarmos ao fato de que em *O mundo* o filósofo destaca

que em alguns momentos sentimos impressões de que os animais podem formar conceitos ou formar relações causais e temporais (de passado e futuro), mas isso se dá exclusivamente por conta da ilusão causada pela *domesticação* e pelo *adestramento*. Enquanto nos homens:

É a decisão ponderada da vontade que dá assim sinais inconfundíveis de sua índole. O animal, ao contrário, é determinado pela impressão atual: apenas o temor da pressão do momento presente pode restringir seu apetite, até o ponto de o temor se tornar hábito e, como tal, determiná-lo: tem-se aí o *adestramento* (W I, § 8, p. 43, grifo meu).

Embora Schopenhauer identifique que os animais também sonham: "Não podemos propriamente dizer que os animais sabem algo, embora tenham conhecimento intuitivo e, em medida correspondente, também recordação¹⁸ e até mesmo fantasia, *como comprovam os seus sonhos*" (W I, § 10, p. 60), ele não chega a conceituar os sonhos como ligados puramente às abstrações. Eu, por outro lado, quero destacar que sendo as poesias em si resultantes de um trabalho racional e abstrato (sempre daquilo que anteriormente foi intuído esteticamente), tenho por intuito um pequeno acréscimo a doutrina de Schopenhauer e que não parece destoar da forma de seu pensamento, mas apenas completá-lo: se o conteúdo dos sonhos é abstrato (diga-se de passagem, a partir daquilo que foi intuído na sentinela), então os sonhos dos animais também são semelhantes às impressões dadas pela domesticação e pelo adestramento,

¹⁴ Cf. W I, § 38, p. 225.

¹⁵ Cf. W I, § 36, p. 212-224.

¹⁶ Atualmente este é um dos temas da neurociência e há produções e experiências acadêmicas que confirmam isso, sendo muito mais uma busca investigativa para saber *o que* e *o como* sonham do que propriamente se sonham ou não, já que a confirmação de que de fato sonham pode ser feita por observações empíricas enquanto dormem e se assustam ou mudam sutilmente sua feição como se estivessem visualizando imagens internas. No artigo "Como os cães sonham", de Eduardo Kohn, lê-se o seguinte: "Para mostrar o modo como os cães sonham, primeiro examino como o contato intersubjetivo transespécie envolve uma indefinição ontológica. Em seguida exploro os perigos envolvidos em não reconhecer esses outros *selves* como pessoas no mundo. Depois disso, dirijo-me a uma análise dos devires humano-cão" (KOHN, 2016, p. 8).

¹⁷ Na *Quadrúplice raiz* se consta a seguinte passagem e que para nós é muito significativa: "mesmo quando os animais são capazes de proferir palavras, eles não têm linguagem, simplesmente porque são limitados às representações intuitivas e incapazes de abstração" (Q, § 26, p. 227). Sobre isso, acrescentamos que há uma grande lista de animais que falam de forma imitativa em relação à voz humana: papagaios, araras, cacatuas, corvos, estorninhos etc.

¹⁸ A questão da recordação animal é tratada de modo ampliado no segundo tomo d'*O mundo*, especificamente no capítulo 19 intitulado "Do primado da Vontade na consciência de si", onde Schopenhauer identifica que tanto nas pessoas quanto nos animais a Vontade manifesta seu impeto em níveis mais ou menos elevados, tanto maiores ou menores forem os acarretamentos de memórias relativas às questões volitivas gerais. Propriamente no caso dos animais diz o seguinte: o cavalo lembra-se da estalagem "que há muito tempo foi alimentado", os "cães têm uma excelente memória para todas as ocasiões que lhe proporcionaram um bom bocado de comida" e as raposas que possuem uma "excelente memória para os diversos esconderijos nos quais depositaram uma rapina" (W II, 19, p. 268).

ou seja, *os sonhos dos animais também podem ser considerados resquícios de aparência ao fato de possuírem faculdades abstratas.*

Se Schopenhauer entendia que a ação poética se faz semelhante à atividade onírica, (ao compará-la, por exemplo, ao fato de que o que Shakespeare pode fazer acordado, a maioria das pessoas só poderia dormindo), então, as poesias como abstrações de correlatos racionais resultantes de intuições estéticas, também poderiam ter essa mesma significação semelhante no caso dos sonhos animais, sendo que estes sonhariam com abstrações daquilo que anteriormente intuíram do mundo empírico e, principalmente, com as noções ligadas às volições.¹⁹ Ao passo que, possivelmente o cachorro sonharia com a estalagem que recebeu comida e a raposa com o local que escondeu sua rapina, o que interessantemente também entraria em conformidade com a tese central da interpretação dos sonhos de Freud: a de que as atividades oníricas são sempre realizações de desejos inconscientes: resta saber até que ponto seria possível a fantasia nos sonhos animais, algo que ainda continua sem resposta.

Para finalizar nossa demonstração em prol de conceber a relevância e a amplitude do tema quero destacar outro trecho das preleções de Berlim, ou seja, a *Metafísica do belo*, que na citação a seguir irá demonstrar claramente o que vínhamos trabalhando até aqui, ela diz respeito ao que Schopenhauer acredita sobre o que as pessoas falam e fazem dentro dos sonhos, ou seja, no próprio *conteúdo* dos sonhos:

As pessoas oníricas, criações nossas, falam como se fossem completamente estranhas; falam não segundo nossos sentidos, mas conforme os delas. Propõe questões que nos embaraçam, argumentos que nos desconcertam, adivinham o que de bom grado gostaríamos de ocultar etc. Apresentamos no sonho circunstân-

cias inesperadas com as quais nós mesmos nos assustamos: como tais descrições ultrapassam em muito tudo o que com intenção e reflexão conseguiríamos! (HN III, 2003, p. 220).

Tal trecho é significativo porque ao caracterizar a forma de ação das pessoas oníricas, Schopenhauer parece brevemente se distanciar da opinião de Freud sobre este ter tido uma "opinião mais radical" em relação ao fato de que "todos agem e falam no sonho em perfeita correspondência com seu caráter" (FREUD, 2012, p. 85), como citado no início. Porém, para que se possa dar razão a Freud, e talvez abrir espaço para uma contradição do próprio Schopenhauer, podemos recorrer ao que é dito em *Sobre o fundamento da moral*: "do mesmo modo que no sonho nós mesmos *nos colocamos em todas as pessoas que aparecem*, assim também acontece na vigília, embora não seja tão fácil de se ver" (E II, 2001, p. 219-220, grifo meu).

Creio haver nesta questão uma ambiguidade interpretativa porque por um lado podemos dar razão a Freud de acordo com sua opinião sobre Schopenhauer e, por outro lado, a partir de ampliações interpretativas, não podemos. Por isso, estou apto a crer que embora a questão dos sonhos não seja central em Schopenhauer, o filósofo claramente não concebe uma diferença mais clara entre o conteúdo dos sonhos e os sonhos em si, pois quando esclarece que todas as pessoas oníricas possuem nos sonhos o mesmo caráter do sonhador, esta questão parece recorrer mais ao fundamento ético da ação do sonhador, espelhada nas pessoas oníricas do que ao princípio de razão suficiente como sendo não regedor das ações das pessoas oníricas: em outras palavras, a dificuldade dessa questão parece se consolidar justamente na falta de separação dos conceitos. Assim, creio que é preciso deixar

¹⁹ Disso resulta também que embora o *conteúdo* dos sonhos esteja destituído do princípio de razão, ou seja, não submetidas às leis do tempo, do espaço e da causalidade, isso não acontece na mesma medida que o conhecimento estético já que alguém pode ter sonhos totalmente ligados às volições, como por exemplo, sonhar que se está praticando atividades sexuais ou fartando-se de banquetes maravilhosos. Em uma palavra, há nisso uma contradição entre a possibilidade e a não possibilidade do princípio de razão, por exemplo, alguém poderia sonhar estar praticando coito sexual com uma pessoa que conhece do seu dia a dia (o que é possível de se acontecer no mundo fenomênico da sentinela), porém, no *conteúdo* do sonho este coito pode estar acontecendo em cima de uma nuvem colocada acima dos pássaros e de toda a terra (o que é humanamente impossível já que não se pode subir em nuvens), mas que na fantasia onírica pode ter uma carga significativa, já que estar em coito com tal pessoa, pode facilmente significar para o sonhador *estar nas nuvens* (expressão recorrente do dia-dia para mostrar que está sentindo prazer), tendo assim paridade com a tese freudiana de que os sonhos são manifestações inconscientes de desejos que acordados não conseguimos, mas desejamos muito realizar; outros exemplos de mesma espécie poderiam ser dados.

claro, que as ações nos conteúdos oníricos, que não estão submetidas ao princípio de razão, não passam de meras imagens fantasiosas, feitas por pessoas oníricas que guardam resquícios do nosso próprio caráter e que enfim, decaem no princípio de razão quando analisadas sob a ótica do mundo enquanto representação, tendo como essência da matéria, do cérebro e do intelecto, a própria causalidade, ou seja, o princípio de razão suficiente.

Uma última questão que deve ser objeto de nossa reflexão diz respeito aos *sonhos premonitórios*. Para tal empreendimento deve-se olhar principalmente para o capítulo *Especulação transcendente sobre a aparente intencionalidade no destino dos indivíduos* (PP I), onde Schopenhauer comenta sobre o *fatalismo transcendente* e o *fatalismo demonstrável*, sendo os sonhos premonitórios um dentre os três objetos (as outras são os fenômenos da vidência da qual ele chama de *segunda visão* e *sonambulismo magnético*) que servem para análise do fatalismo demonstrável, ou seja, da leitura do destino, e que, portanto poderiam possivelmente comprovar a necessidade com que todas as coisas acontecem – aqui trato esse assunto apenas de modo sintetizado, já que o que me importa mais, como está claro, são os sonhos premonitórios.

Schopenhauer comenta um caso relatado em um jornal, sobre um rapaz que teria sonhado com a morte do seu irmão, o que veio acontecer no dia seguinte ao sonho (PP I, 2009, p. 226).²⁰ Também sobre isso, é impossível não se lembrar do famoso caso de que o próprio filósofo deixou-se guiar por um sonho premonitório a respeito da própria morte, levando-o a fugir da epidemia de cólera que se abateu sobre Berlim no ano de 1831 (SAFRANSKI, 2011, p. 519). A questão aqui é perceber que dada a natureza anacrônica dos sonhos, relacionando isso com a unidade da vontade, a partir do entendimento de que sonho e realidade seriam conteúdos de um mesmo mundo, isso permitiria que fosse possível que o

sonho desse saltos na visualização da necessidade pelo qual as coisas aconteceriam a partir da realidade representável pelos sentidos externos: *n'O mundo como vontade e representação* o filósofo comenta que

A vida e os sonhos são folhas de um mesmo livro. A leitura das folhas em ordem coerente se chama vida real. Quando, porém, finda o tempo habitual de leitura (o dia) e chega o momento de repouso, ainda folheamos com frequência descontraídos, sem ordem coerente, ora uma folha aqui, ora outra ali: muitas vezes viramos uma folha já lida, outras, uma desconhecida, mas sempre são folhas do mesmo livro (W I, § 5, p. 20-21).

É de se destacar, portanto, que se de fato os sonhos podem ser premonitórios, e se com facilidade, pudéssemos diferenciar um sonho entre premonitório e não premonitório teríamos de compreendê-los como presságios aos acontecimentos determinados pelo mundo como representação, regido pelo princípio de razão. Há de se enfatizar que embora o próprio filósofo se deixou guiar por esse tipo de sonho, quando trata da questão relacionando-a com o fatalismo demonstrável, isso ainda continua sendo uma mera *especulação*, como prescreve o próprio nome do capítulo onde essas reflexões são levantadas.

Para finalizar, gostaria de enfatizar que embora Schopenhauer não tenha tido a questão dos sonhos como central em sua obra, toda sua epistemologia e também as suas concepções sobre a razão encontradas principalmente no livro 1 d'*O mundo* e na *Quadrúplice raiz* parecem ter nos fornecido ótimos resultados para uma reflexão ampliada a respeito de sua doutrina. Esses resultados foram principalmente: a) a separação entre a submissão e a não submissão ao princípio de razão a partir do que nomeei de *sonhos em si* e de *conteúdos oníricos*, este último decaindo na questão do caráter do sonhador presente em todas as pessoas oníricas; b) a compreensão de até que ponto pode-se ampliar a concepção de que os animais podem

²⁰ Aqui faço lembrar um famoso caso de sonho premonitório no Brasil. Trata-se de Júlio Rasec, tecladista da famosa banda Mamonas Assassinas, que horas antes da queda do voo que matou toda a banda, em março de 1996, disse em vídeo gravado pelo seu barbeiro, exatamente 12 horas antes do desastre, que na noite anterior havia sonhado com a queda do avião (informação que foi apurada pelo jornal *Globo Repórter* e que pode ser encontrada com muita facilidade na internet).

possuir a aparência de capacidades abstrativas para além do adestramento e, por último; c) a expressão de que em um primeiro momento a opinião de Freud sobre Schopenhauer parece ser equivocada porque as pessoas oníricas falariam não conforme os próprios sentidos do sonhador, mas conforme os dela, mas que em um segundo momento, temos uma maior aproximação da opinião de Freud em relação a Schopenhauer, ou seja, quando Schopenhauer esclarece que o caráter do sonhador está em todas as pessoas do *conteúdo* onírico, enfim; d) que os ditos sonhos premonitórios são presságios fantasiosos sobre a necessidade das ocorrências e das ações no mundo como representação.

Referências

- ATWELL, J. E. *On the character of the world: the meta-physics of will*. University of California Press: USA, 1995.
- FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, C. *As 100 melhores histórias da mitologia*. Porto Alegre: L&PM, 2003.
- FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*. Tradução de Renato Zwick Renato. Porto Alegre: L&PM, 2012. v. 1.
- FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*. Tradução de Renato Zwick Renato. Porto Alegre: L&PM, 2012. v. 2.
- KOHN, E. Como os cães sonham. *Ponto Urbe*, revista do núcleo de antropologia da USP, São Paulo, n. 19, dez. 2016. <https://doi.org/10.4000/pontourbe.3326>.
- SAFRANSKI, R. *Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia*. Tradução de William Lagos. São Paulo: Geração Editorial, 2011.
- SCHOPENHAUER, A. *Metafísica do Belo*. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2003.
- SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*. 2. ed.rev. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2005. t I.
- SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2015. t II.
- SCHOPENHAUER, A. *Parerga y Paralipómena I*. Traducción de Pilar López de Santa María. Madrid: Editorial Trotta, 2009.
- SCHOPENHAUER, A. *Parerga y Paralipómena II*. Traducción de Pilar López de Santa María. Madrid: Editorial Trotta, 2013.
- SCHOPENHAUER, A. *Sobre o fundamento da moral*. Tradução de Maria Lúcia M. O. Cacciola. São Paulo: Martin Fontes, 2001.

SCHOPENHAUER, A. *Sobre a quadrúplíce raiz do princípio de razão suficiente*. Tradução de Oswaldo Giacoia JR e Gabriel Valladão Silva. São Paulo: Unicamp, 2019.

Antonio Alves Pereira Junior

Graduado em História e Filosofia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Formado em Psicanálise pela instituição Psicanálise Clínica. Mestrando em Filosofia na Universidade Estadual de Londrina (UEL), em Londrina, PR, Brasil.

Endereço para correspondência

Antonio Alves Pereira Junior

Rua José Clemente, Zona 7, Edifício Campos Elyseos, apto. 102

87020-070

Maringá, PR, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.